

BERGSON E A EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E GNOSIOLÓGICOS DA CONCEPÇÃO BERGSONIANA DA EDUCAÇÃO

Rubens Muríllio TREVISAN

RESUMO

O objetivo deste artigo é o de delinear alguns aspectos fundamentais de uma filosofia da educação à luz da teoria do conhecimento de Bergson; busca-se explicitar a adequação entre os princípios filosóficos e gnosiológicos do pensamento bergsoniano e as suas propostas no campo da educação.

ABSTRACT

This article aims to outline some basic aspects of a philosophy of education in the light of the Bergsonian epistemology; it intends to elucidate the adequacy between the gnosiological and philosophical principles of Bergson's thought and his proposals in the field of education.

1. INTRODUÇÃO

O pensamento contemporâneo, de modo geral, é marcado pela reação filosófica contra o mecanicismo cartesiano e o cientificismo



positivista. Nesse contexto, o traço mais saliente do pensamento bergsoniano é o seu antiintelectualismo, o anticientificismo e, especialmente, o seu espiritualismo.

O antiintelectualismo bergsoniano não deve ser confundido com o irracionalismo, doutrina que privilegia o irracional do pensamento, da vida e dos problemas universais. A crítica, da inteligência discursiva de Bergson dirige-se, de um lado, no sentido da afirmação de não ser ela a faculdade exclusiva no processo do conhecimento e, de outro lado, no sentido de exaltar a supremacia da intuição, como poder que tem o espírito de apreender, imediatamente, a vida ou de "simpatizar" - no sentido etimológico - com ela.

Quando estudamos a obra de Henri Louis Bergson, empolgamos não apenas o admirável artista da palavra, cujo fascínio estético do estilo mereceu-lhe, em 1928, o prêmio Nobel de literatura; nem a profundidade sutil do pensamento, sua dialética, suas finas análises introspectivas e a delicadeza conscienciosa de espírito construtivo, mas algo de absolutamente novo e inovador que não se concentra em fórmulas, que transborda do conceito, que transcende a obra do autor e estabelece o traço de união entre a filosofia moderna e a filosofia futura.

O nascimento do "filósofo da intuição" ocorreu em um contexto histórico muito significativo: de origem hebréia - a mesma de Freud, de Marx e de Einstein, que foram seus contemporâneos - com ascendentes irlandeses e poloneses, nasceu Bergson em Paris, a 18 de outubro de 1859, ano em que Charles Darwin publicou a famosa "Origem das Espécies" e que viu nascer outros dois célebres pensadores: John Dewey e Edmund Husserl. Faleceu Bergson a quatro de janeiro de 1941.

Com Montaigne, Descartes, Pascal, Rousseau, Maine de Biran e Taine, pertence o estilista Bergson aos clássicos da prosa filosófica francesa. Suas conferências no "Collège de France" eram verdadeiras obras de arte, arrebatando auditórios super lotados, onde ouvia-se, freqüentemente, o murmúrio da admiração e do encanto. Por isso, chamavam-no de "joueur de flûte", o tocador de flauta, pois a todos hipnotizava com o timbre aflautado de sua voz, o discurso de um mestre e a retórica de um orador clássico.

Além dos seus discípulos e admiradores, faziam-se presentes, também, os seus opositores e críticos mais acirrados, imbuídos da mentalidade vigente de racionalismo e cientificismo, que reputavam a intuição como sendo a ovelha negra da família mental.

Bergson não foi o único a desfraldar esta bandeira do antiintelectualismo e do anticientificismo. Trata-se de um processo histórico que se insere entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Assim, vamos encontrar, entre outros nomes importantes, o de Blondel, de Lavelle, de Le Senne e de Gabriel Marcel, na França. Eucken e Max Scheler, na Alemanha; na Rússia, os nomes de Vladimir Soloviev, de Léon Chestov e de Nicolai Berdiáiev. Na Espanha, Miguel de Unamuno e Carl Barth, na Suíça; Willian James nos Estados Unidos e Raimundo de Farias Brito, no Brasil. Este contexto histórico elucida-nos o significado do eixo crítico do pensamento bergsoniano.

2. FILOSOFIA E GNOSIOLOGIA

A filosofia bergsoniana desenvolve-se dialeticamente na confrontação de realidades opostas ou de realidades que se completam. Assim, distingue com clareza o tempo real do tempo ideal ou lógico-matemático; o eu profundo do eu superficial; a duração (*durée*) heterogênea da duração homogênea; a multiplicidade qualitativa do fato psíquico, da multiplicidade quantitativa ou numérica; a alma aberta, da alma fechada; a sociedade aberta, da sociedade fechada; a moral aberta, da moral fechada; a religião dinâmica, da religião estática; a memória recordação (*souvenir*), da memória hábito.

Todo o bergsonismo gira em torno da distinção e mesmo da oposição - sem mútua exclusão - entre a inteligência discursiva e a intuição. Tanto no domínio prático como ao especulativo estabelece-se a complementaridade e mesmo a colaboração dessas duas funções cognitivas do espírito humano. Contudo, a inteligência, como faculdade de raciocínio e cálculo, por ser a capacidade de captar a realidade de modo fragmentário, inerte e estático, não pode ser instrumento próprio

e adequado da metafísica. Só a intuição, segundo Bergson, permite-nos atingir a duração ou movimento, e substância, a essência e a existência das coisas.

Intuição e inteligência diferem uma da outra pela função: enquanto a inteligência capta o que é material e morto, a intuição penetra na duração, que é como que a vida de todos os seres. Duração real significa evolução, perpétuo vir-a-ser, continuidade ininterrupta de movimento ou mudança, criação constante ou incessante produção de realidade nova, heterogênea, imprevisível pelo cálculo. Numa palavra, espírito e vida são sinônimos de duração heterogênea.

A filosofia bergsoniana não é apenas a proposta de uma nova cosmovisão ou o oferecimento de um método mais adequado à investigação metafísica, ela sugere a árdua exigência de uma catarse mental, entendida em seu sentido etimológico de "katharsis", isto é, purificação ou purgação. Trata-se da necessidade de mudança de mentalidade, de mudança gnosiológica do esquema mental, que nos coloca dentro da realidade global de uma forma totalmente nova e inovadora, tornando-nos participantes consciente do processo da evolução criadora.

Na esteira do processo de evolução criativa desenvolve-se um outro processo importante no amadurecimento do ser humano, o processo de libertação.

A liberdade é um ato imediato, surgindo ao olhar intuitivo da consciência, livre da interferência dos conceitos e dos raciocínios abstratos: "O ato livre é inconsensurável com a idéia, e a sua "racionalidade" deve ser definida por essa mesma incomensurabilidade, que permite achar nele toda a inteligibilidade que se queira" (Evolução Criadora, p. 79).

A relação entre o eu profundo e o ato livre é indefinível em termos de causalidade física ou mecânica. Um ato é livre na medida em que se identifica ao eu profundo e é feito "com toda a alma" (República, VII, 518), no dizer de Platão. Assim, a filosofia bergsoniana perpassa todas as esferas da realidade humana; a metafísica, a gnosiológica, a psicológica e a física.

Bergson é o único pensador na história da filosofia moderna e contemporânea que ressalta a importância do depoimento dos místicos para entendermos o verdadeiro sentido gnosiológico da intuição. Dedicou o terceiro capítulo de sua obra "As Duas Fontes da Moral e da Religião" à análise do misticismo grego, do oriental, do cristão e o dos profetas de Israel, para chegar à conclusão do valor filosófico do misticismo em geral, entendido como a experiência intuitiva e frutiva do Absoluto, pois que "Os verdadeiros místicos simplesmente se abrem à vaga que os invade" (p. 81).

De fato, somente o conhecimento intuitivo, segundo Bergson, isto é, aquele que prescindiu de meios para atingir o objeto que pretendemos conhecer, é capaz de levar-nos à experiência direta do "impulso vital" (élan vital), realidade fundamental do sistema bergsoniano: "Foi acompanhando de tão perto quanto possível os dados da biologia que chegáramos à concepção de um impulso vital e de uma evolução criadora (...) Assim como em torno do instinto animal persiste uma franja de inteligência, por sua vez a inteligência humana foi aureolada de intuição. Esta, no homem, permaneceu plenamente desinteressada e consciente, mas não passava de um lampejo (...) Dela, no entanto, é que viria a luz, se alguma vez devesse esclarecer-se o interior do impulso vital, sua finalidade, sua significação (...) uma intensificação superior a levaria talvez até às raízes de nosso ser e, com isso, até o próprio princípio da vida em geral" (As Duas Fontes da Moral e da Religião, p. 206).

Bergson, ao nosso ver, representa o mais importante restaurador da metafísica genuína e inaugura um pensamento contemporâneo, emancipado dos postulados da filosofia moderna. E nessa postura está o primordial significado do bergsonismo: ele representa o fim da era cartesiana.

3. EDUCAÇÃO

Diante dos novos parâmetros gnosiológicos, da cosmovisão como processo incessante de evolução criativa e da antropologia personalizante que tende a elevar os seres humanos à categoria de "deuses" - as últimas palavras das Duas Fontes: "a função essencial do universo, que é uma máquina de fazer deuses", p. 262 -, quais são as

considerações de ordem pedagógica que devemos priorizar para estabelecer, também, o traço de união entre a educação moderna e a educação do futuro?

Todo processo educacional estrutura-se, fundamentalmente, sobre uma base de natureza gnosiológica, isto é, toda teoria da educação pressupõe uma teoria do conhecimento. A educação não poderá furtar-se aos problemas e dificuldades da filosofia. Está, pois, obrigada a responder às perguntas que lhe faz a filosofia: que é o ser humano? Qual é o nosso objetivo pedagógico? O que queremos obter? Que gênero de homem queremos formar? A educação é uma sabedoria prática, é uma arte, e como toda a arte é tendência dinâmica para um objetivo a realizar, que é o fim dessa arte. Não há arte sem finalidade. Constatamos hoje no campo da educação o fenômeno que Einstein atribuiu a toda realidade atual: "Perfeição de meios e confusão de fins - eis em minha opinião, o que caracteriza os novos tempos" (Cf. Alceu Amoroso Lima, *O Espírito Universitário*, p. 50). Percebeu Bergson, com o seu espírito crítico acutíssimo, que este era, de fato, o problema central da educação contemporânea.

Trata-se, pois, de delinear alguns aspectos fundamentais de uma filosofia da educação à luz da cosmovisão e da gnosiologia bergsonianas, posto que "A teoria do conhecimento e a teoria da vida parecem-nos inseparáveis uma da outra" (*Evolução Criadora*, Introdução: IX).

Ainda que Bergson não tenha elaborado uma teoria ou um sistema de educação, preocupou-se, contudo, em fixar idéias, mais do que indicar normas e processos. Com muita competência e dedicação participou, ativamente, do movimento de reforma educacional da França e, depois da primeira guerra mundial, presidiu a Comissão de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações.

Todo o movimento da educação renovada, seja na Europa ou na América, na passagem do século XIX para o século XX, teve, manifestamente, em Bergson um dos inspiradores. Basta citar o nome de Adolphe Ferrière, que foi, declaradamente, bergsoniano. Partindo do "élan vital" de Bergson, considera Ferrière que o impulso vital espiritual é a raiz da vida, a fonte de toda atividade e que o fim da educação é conservar e aumentar esse impulso de vida que se dirige para o fim supremo: "o educando possui dons, necessidades, apetites intelectuais,

curiosidades...uma energia criadora e assimiladora" (Ferrière, A., *La Liberté de l'enfant á l'école active*, p. 13).

Um sistema educacional orientado segundo a inspiração da doutrina de Bergson, não pode prescindir da dimensão da liberdade ou autonomia em que encontramos as raízes da criatividade. O "élan vital" é sempre uma exigência de criação e de renovação imprevisível. A liberdade não está em nós por concessão de outrem, nem a adquirimos de uma vez por todas. Ela é resultado de um longo esforço, que visa emancipar o "eu profundo" das contingências que o esmagam ou limitam sua atividade.

Bergson insiste na necessidade do educador propiciar e facilitar o desenvolvimento da intuição no processo educacional, posto que na civilização ocidental constata-se a super-valorização da inteligência discursiva em todas as faixas etárias, em detrimento do desenvolvimento da intuição: "Reencontramos este "élan vital" nos fenômenos de ordem intelectual, em particular na intuição, faculdade complexa, que ocupa um lugar muito importante na criança e que requer uma atenção cuidadosa, pois que a este respeito, a escola atual tem negligenciado quase completamente" (Ferrière, A., *Le Progrès Spirituel*, p. 82)

E posteriormente, Jean Piaget confirmou, através de suas investigações científicas" a afirmação acima, dizendo que a criança, entre quatro e sete anos de idade, desperta para o pensamento intuitivo: "A forma de pensamento mais adapta ao real que a criança conhece (...) pois a intuição é, sob certos aspectos, a lógica da primeira infância (...) Até cerca de sete anos a criança permanece pré-lógica e suplementa a lógica pelo mecanismo da intuição" (Seis Estudos de Psicologia, pp. 29-35).

Colocando-se de uma maneira crítica em relação aos moldes da educação moderna e da contemporânea e inspirando-se muitas vezes no esquema clássico, grego, Bergson reprova a elaboração de programas e de horários demasiadamente rígidos (lembrar a sua teoria sobre o tempo ideal e o tempo real). Censura o ensino meramente informativo, acumulativo ou enciclopédico (a teoria sobre a memória recordação - souvenir - e da memória hábito). E condena a disciplina frouxa, deficiente do élan vital, que leva a uma concepção equívoca que confunde liberdade com licenciosidade e desregramento.

Quanto à questão essencial em matéria de educação, isto é, o problema dos fins, Bergson propõe a seguinte reflexão; existem três modos de encarar esta questão, em primeiro lugar, considerando a importância de se legar às novas gerações a herança cultural do passado; em segundo lugar, seria a de preparar os jovens para as futuras funções que os aguardam, e em terceiro lugar, seria aquela de responder às necessidades do educando .

Porém, segundo Bergson, cada um destes objetivos tem seus defeitos. A primeira tendência leva à elaboração de programas enciclopédicos e produz uma erudição superficial e não assimilada, ao invés de uma cultura verdadeira. A segunda tendência, ao invés de se voltar ao passado, lança-se em direção do futuro. Porém, trata-se de que futuro? Em um mundo cuja transformação nos coloca sempre diante do imprevisível, qual é o modelo que podemos estabelecer a fim de orientar os jovens educandos? Quanto à terceira e última tendência, aquela assumida pelos teóricos da educação renovada, em que tudo gravita em torno aos interesses do educando e os programas são a ele subordinados, apresenta um perigo: tal concepção leva-nos a atubear sem um objetivo claro.

Conceber o fim da educação como uma síntese da tradição a ser conservada e de um futuro social a ser preparado, respeitando a personalidade em evolução do educando, apresenta o defeito de ser uma concepção estática, pois pretende fixar hoje o tipo de ser humano e de sociedade de amanhã.

A solução bergsoniana consiste em formar pessoas para que tenham muita iniciativa, capazes de desenvolver o máximo de criatividade e que possuam também uma boa bagagem de conhecimentos, para se adaptarem a qualquer atividade atualmente imprevisível: "Queremos formar um ser humano de espírito aberto, capaz de se desenvolver em várias direções. Queremos que ele seja munido de conhecimentos indispensáveis e capaz de adquirir outros, que ele aprenda a aprender" (Discurso dirigido, em 1922, à Academia de Ciências Morais e Políticas, em "Écrits et Paroles" I - Conclusão).

4. CONCLUSÃO

Bergson quis aliar, no ensino, ao "esprit de géometrie" das ciências, o "esprit de finene" dos estudos clássicos, que completam e tornam equilibrada e harmoniosa a educação. O resultado da educação autêntica é, necessariamente, o desabrochar pleno da criatividade do ser humano. Esse processo desencadeia sentimentos de alegria e de plenitude: "E a todos os domínios, o triunfo da vida é a criação (...) quando há alegria, há criação: mais rica é a criação, mais profunda é a alegria (...) e a alegria que se vivência (por ser criadora) é a alegria divina" (L'Energie Spirituelle: 23 e 24).

Infelizmente, a civilização ocidental moderna lançou o comboio humano numa via cujo termo é o luxo, o consumismo e o bem estar de poucos, com prejuízo da liberdade de todos. E como a liberdade está na raiz da ação de criar, esta atitude egoísta, egocêntrica é o maior entrave do fluxo pleno do surto vital criativo.

Ao mesmo tempo, porém, que Bergson mostrava o ser humano trágico do século XX dissociado e dividido em sua personalidade - que Proust e Pirandello iriam exprimir de modo imortal na literatura - mostrava também a grandeza pascaliana de suas possibilidades:

"A humanidade geme, meio esmagada sob o peso do progresso que conseguiu. Ela não sabe o suficiente que seu futuro depende dela. Cabe-lhe primeiro ver se quer continuar a viver. Cabe-lhe indagar depois se quer viver apenas ou fazer um esforço a mais para que se realize, em nosso planeta refratário, a função essencial do universo, que é uma máquina de fazer deuses" (As duas Fontes da Moral e da Religião, p. 262).

O ser humano, numa perspectiva bergsoniana, deixa de ser o elemento passivo de um universo em evolução determinista, para ser um elemento ativo e criador: um foco e não um reflexo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Textos de Henri Bergson

- **Evolução Criadora**, trad. de Adolfo Casais Monteiro, Rio de Janeiro, Editora Opera Mundi (Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura), 1971.

- **As duas Fontes da Moral e da Religião**, trad. de Nathanael C. Caixeiro, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1978.
- **L'Énergie Spirituelle**, Paris, PUF, OE vres - Éd. du Centenaire - Introduction par Henri Gouhier, 1959.
- **Écrits et Paroles**, I - Textos reunidos por Rose-Marie Mossé-Bastide, Paris, PUF, 1949.

Textos de outros autores

- AMOROSO LIMA, Alceu, **O Espírito Universitário**, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1959.
- BLOCH, Marc-André, **Philosophie de L'Éducation Nouvelle**, Deuxième édition, Paris, PUF, 1968.
- FERRIÈRE; Adolphe, **La Liberté de l' Enfant à l'École Active**, Neuchâtel et Genève, Ed. Forum, 1924.
- FERRIÈRE, Adolphe, **Le Progrès Spirituel** - L'Éducation construtive - Neuchâtel et Genève, Éd. Forum, 1927 .
- PIAGET, Jean, **Seis Estudos de Psicologia**, Rio de Janeiro, Companhia Editora Forense, 1964.
- PLATÃO, **A República**, trad. de Jorge Paleikat e comentários de João Cruz Costa, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1970.
- VAN ACKER; Leonardo, **A Filosofia Bergsoniana**, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1959.